

ORGANIZAÇÃO DO PROJETO NEOLIBERAL NOS ANOS 1970: REVISTA VISÃO E SUA AÇÃO ORGÂNICA PARTIDÁRIA

Gervasio Cezar Junior – gervasio_junior_17@hotmail.com – UNIOESTE – Integrante da Linha de Pesquisa Estado e Poder do PPGH-UNIOESTE.

ORGANIZAÇÃO DO PROJETO NEOLIBERAL NOS ANOS 1970: REVISTA VISÃO E SUA AÇÃO ORGÂNICA PARTIDÁRIA

O trabalho apresentado visa discutir e analisar a ação partidária da revista *Visão* durante a ditadura civil-militar, mais precisamente durante os anos de 1974 a 1979, período de crise econômica mundial, no Brasil as bases da ditadura civil-militar passam por mudanças, principalmente a partir do incremento do II PND (II Plano Nacional de Desenvolvimento). Apoiado nas concepções do filósofo revolucionário Antonio Gramsci de aparelho privado de hegemonia, analisamos *Visão* enquanto um mecanismo de uma determinada fração da classe burguesa capaz de difundir e organizar um projeto que visa tornar-se hegemônico. Cabe ressaltar que a revista *Visão*, já nos anos 1970, a difundir e organizar as bases de um projeto neoliberal para o Brasil, apoiado principalmente na figura de dois intelectuais do neoliberalismo, o primeiro Henry Maksoud, proprietário e editor-chefe da revista, e o segundo Frederick August von Hayek, quem a revista financiou várias vezes sua vinda ao Brasil para ministrar conferências e palestras difundindo assim o projeto neoliberal. De maneira mais ampla, o trabalho pretende responder um pouco mais sobre a relação burguesia e militares durante a ditadura civil-militar.

Palavras-chave: Revista Visão, Aparelho privado de hegemonia, Neoliberalismo.

A Construção do neoliberalismo para o Brasil a partir de Maksoud/*Visão*

Este trabalho busca analisar a ação orgânica e hegemônica da extinta revista *Visão*, durante o período de ditadura civil-militar, e perceber qual era seu projeto hegemônico e a fração de classe que ela compunha.

Nosso trabalho busca analisar o período que vai de 1974 a 1979, quando o general-presidente Ernesto Geisel assume a presidência do Brasil. Mas nosso intuito não é a simples reprodução e revisão historiográfica do período, e é neste sentido que o objeto de nossa pesquisa é a revista *Visão*.

Analisamos a extinta revista *Visão*, a importância de seu papel tanto no cenário político e econômico brasileiro, quanto na própria disseminação e organização da ideologia seguida pela revista, sempre associando a principal figura deste veículo de comunicação, Henry Maksoud, presidente e proprietário da revista.

Nossa fonte de análise, a revista *Visão*, é parte de um complexo e heterogêneo grupo empresarial pertencente a Henry Maksoud (FONSECA, 1994, p.31). Maksoud é formado em engenharia pela Universidade Mackenzie, mas seu principal foco de ação sempre foi à classe burguesa da sociedade.

Este diversificado complexo de empresas privadas que Henry Maksoud continha desde empresas de engenharia até uma rede de hotéis de luxo. Vejamos algumas na seqüência.

Sem dúvida um de seus principais empreendimentos é a empresa de engenharia de projetos e gerenciamento de obras Hidroservice. Esta é uma das únicas empresas, do vasto campo empresarial de Maksoud, que ainda permanece em atividade.

Empresa de engenharia de projetos e gerenciamento de obras Hidroservice. Com várias filiais, escritórios regionais e escritórios no exterior, emprega cerca de três mil funcionários, a maioria com vinculação permanente. A área de atuação da empresa cobre todo o território nacional e vários países em quase todos os continentes. Seu campo de atuação é vastíssimo, abrangendo praticamente todos os ramos da engenharia. (FONSECA, 1994, p.31)

Como mostra o trecho acima, a Hidroservice atua em várias frentes e elaborando diversos trabalhos. A Hidroservice além de ser uma empresa que abrange os mais variados setores da engenharia, o que possibilitava ela a transitar desde a elaboração de projetos para as áreas de transporte até os setores de energia. Esta diversidade de atuação fez com que a Hidroservice se espalhasse por todo o território brasileiro e por quase todos os continentes do globo.

Fundada em 1958, com sede em São Paulo é uma empresa eminentemente brasileira, dedicada à elaboração de estudos de viabilidade, estudos ambientais, planejamento, projetos e supervisão técnica, diligenciamento para obtenção de financiamento, procura e compra de equipamentos, controle de qualidade, assessoria e gerenciamento de projetos e obras e assistência técnica para início de operação.

Com mais de trinta anos de atividade internacional, classificada entre as maiores empresas especializadas em serviços de engenharia do mundo por respeitáveis publicações a HIDROSERVICE é a primeira do Hemisfério Sul na categoria de gerenciamento de projetos e obras. (HIDROSERVICE ENGENHARIA LTDA, 1997)

O trecho acima, retirado do próprio site da empresa Hidroservice, mostra que a empresa está desde 1958 atuando no cenário capitalista brasileiro. E a mais de trinta anos atuando no cenário mundial, elaborando atividades de caráter multinacional.

De acordo com os dados apresentados, podemos qualificar a Hidroservice como uma empresa multinacional, pois além de sua expansão pelo território brasileiro, ela ainda conseguiu se expandir para os demais países, abrindo filiais pelo mundo.

Esta gama de segmentos é voltada principalmente ao setor público, para o qual, enfatize-se, a Hidroservice planeja, constrói, executa e mesmo gerencia obras executadas. Como exemplo pode-se citar o planejamento e construção do aeroporto internacional do Rio de Janeiro. Tanto a variedade das atividades como a dimensão que possuem faz com que a empresa subcontrate indiretamente (por intermédio de empreiteiros e subempreiteiros) o impressionante contingente de cerca de quinhentas mil pessoas para a execução das grandes obras, ou de obras concomitantes. Tal magnitude fez com que se

tornasse a maior empresa brasileira de engenharia e uma das maiores do mundo. (FONSECA, 1994, p.31)

O principal foco de ação da empresa sempre foi o setor público. Segundo Fonseca, a Hidroservice se tornou a maior empresa de engenharia do Brasil, e uma das maiores do mundo.

Outras três empresas aparecem no meio do complexo heterogêneo de empresas do grupo Maksoud, são elas:

Sisco – Sistemas e Computadores S.A. Empresa fabricante de hardware e software para computadores de micro, mini e médio porte. É importante ressaltar que as empresas nacionais de informática foram por vários anos protegidas da concorrência internacional através da reserva de mercado; empresa de engenharia HM Empreendimentos e Participações, especializada em elaborar projetos de hotéis de alto luxo; hotel de alto luxo “Maksoud Plaza” e atuação no mercado imobiliário. (FONSECA, 1994, p.31)

Se nos prendermos a estas três empresas, veremos o quão diversificado e amplo foi construído o horizonte empresarial do complexo Maksoud. É claro que se olharmos para a HM Empreendimento e Participações, veremos uma empresa nos moldes da Hidroservice, só que voltada para o setor hoteleiro. Mas se nos detivermos na Sisco e ao Maksoud Plaza teremos uma gama de segmentos totalmente diversos.

Deixamos por último, justamente por ser nosso objeto de análise, a revista *Visão*. A revista faz parte de uma empresa ainda maior, que edita além de *Visão* outros materiais específicos.

A editora VISÃO que, além da revista em foco, edita revistas setoriais voltadas à iniciativa privada, tais como a “Dirigente industrial”, a “Dirigente Rural” e a “Dirigente Construtor”, cada qual, como indicam seus respectivos títulos, voltadas a segmentos específicos. Publica também, anualmente (antes mesmo da revista pertencer ao grupo Maksoud), o balanço empresarial “Quem é Quem” com o ranking das maiores empresas brasileiras e atuantes no Brasil segundo faturamento, investimento etc. Ainda no que diz respeito a revistas setoriais, porém voltadas ao setor público, publica a “Dirigente Municipal” e o informe “Perfil” (panorama da administração pública). A editora também traduziu, sozinha ou coligada a outras editoras, autores que propagavam idéias neoliberais, dos quais destaca-se o livro “Os Fundamentos da Liberdade”, de F. Hayek, em parceria com a editora da Universidade de Brasília com tradução e prefácio do próprio H. Maksoud. Observe-se que tal diversidade editorial contempla praticamente todos os segmentos privados e públicos. (FONSECA, 1994, p.31)

Além da revista *Visão*, a editora Visão buscava atingir os mais variados setores, principalmente da classe burguesa da sociedade. Se nos detivermos aos títulos “Dirigente industrial”, a “Dirigente Rural”, a “Dirigente Construtor”, a “Dirigente Municipal” e o informe “Perfil” (panorama da administração pública), veremos uma vasta gama de frações da classe burguesa e dois periódicos voltados ao setor público.

Esta grande inserção da editora Visão pode ser interpretada da seguinte forma: A editora Visão, empresa da qual faz parte a revista *Visão*, atuava no sentido de formular um projeto neoliberal que viesse a se tornar mais tarde um programa para a sociedade brasileira, mas seu principal foco de ação parece-nos ser a organização da classe burguesa em torno do projeto que viria a se consolidar no neoliberalismo. É por isso que temos uma tamanha inserção da editora Visão nos mais variados assuntos, dos mais variados setores.

Mas além de todos os periódicos editados pela editora Visão, ela ainda traduziu e publicou vários livros de autores que propagam as idéias neoliberais. Fonseca destaca no trecho acima o livro *Os Fundamentos da Liberdade*, de F. Hayek, em parceria com a editora da Universidade de Brasília com tradução e prefácio do próprio Henry Maksoud.

Além de traduzir diversos livros para o português, a editora Visão ainda publicou uma vasta gama de livros de seu proprietário Henry Maksoud, e segundo Fonseca todos os *livros seguem a linha ideológica da revista, isto é, o neoliberalismo hayekiano*. (FONSECA, 1994, p.31)

O fato é que se analisarmos somente o complexo editorial Visão, veremos que este grande “Kraken¹” alastra seus tentáculos por diversas frações de classe, afim de disseminar e organizar estas em torno de seu projeto neoliberal para a sociedade brasileira.

Um destes tentáculos do grande “Kraken” é justamente a revista *Visão*. *Visão* foi fundada em 1952 no Rio de Janeiro, mas em 1957 foi transferida para São Paulo onde permaneceu sediada até ser fechado, segundo consta, por problemas financeiros em 1993. (JORGE, 2001, p. 6098-6099)

Na década de 1970, *Visão* passou por mudanças profundas, tanto de proprietário, quanto na estrutura ideológica da revista. Em 1972, Said Farah comprou a revista, mas em 1974 revendeu os títulos da revista para o empresário Henry Maksoud:

De acordo com Isaac Jardimovski, diretor de redação (1975-1990) e diretor-geral do grupo Visão (1978-1990), “a compra de Visão por Henry Maksoud foi um divisor de águas ideológico: antes de Maksoud, tendência para a esquerda, liberdade para redatores e editores; na fase Maksoud tendência para o chamado liberalismo, tendo em Hayek seu principal mentor intelectual, e orientação centralizada da linha editorial, com marcante presença de temas político-filosóficos”. (JORGE, 2001, p. 6098-6099)

Após a compra da revista por parte de Henry Maksoud, Isaac Jardimovski, um dos principais diretores à frente de *Visão*, constatou que a revista sofreu uma virada em seu perfil ideológico. Segundo ele, antes de Maksoud existia uma tendência mais à esquerda, e uma maior liberdade aos redatores e aos editores da revista. Após Maksoud adquirir os direitos privados da

¹ Espécie de lula ou polvo gigante da mitologia nórdica.

revista, esta passou a ser guiada por um perfil liberal, e uma orientação para seguir a linha do editorial.

A virada apontada por Jardonovski pode ser identificada como uma virada não apenas ideológica. O que pode parecer simples, por exemplo, a presença marcante de temas considerados político-filosóficos, orientados sobretudo pela marca corrente hayekiana, já dá mostras de que o projeto defendido por *Visão*/Maksoud é apoiado nas premissas neoliberais, como um projeto para a sociedade brasileira.

O grande mote de *Visão* era organizar principalmente a burguesia brasileira em torno de um projeto para a sociedade brasileira. Projeto este que era pautado na defesa do capitalismo, mas, sobretudo na lógica neoliberal, apoiado nas concepções de Frederick August von Hayek, sem dúvida um dos principais pensadores do neoliberalismo. Neste sentido, a ação neoliberal de *Visão*, possuía vínculos externos, com outros pensadores e executores do programa neoliberal. O neoliberalismo já fazia parte neste momento da realidade de muitos países, seja na Inglaterra com Thatcher, nos Estados Unidos com Reagan, ou no Chile com Pinochet. *Visão* busca inserir no Brasil as discussões sob uma ótica da divisão internacional do trabalho que aperfeiçoou os canais de exploração do sistema capitalista.

Segundo o autor Perry Anderson, no texto *Balanço do Neoliberalismo*, a corrente neoliberal surge nas regiões da Europa e América do Norte, logo após a II Guerra Mundial:

O neoliberalismo nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e América do Norte onde imperava o capitalismo. Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar. Seu texto de origem, *O Caminho da Servidão*, de Friedrich Hayek, escrito já em 1944. Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denuncia como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política. O alvo imediato de Hayek, naquele momento, era o Partido Trabalhista inglês, às vésperas da eleição geral de 1945 na Inglaterra, que este partido efetivamente venceria. (ANDERSON, 1998, p. 09)

O neoliberalismo, segundo Anderson, surge como um projeto alternativo ao programa desenvolvido para o pós II Guerra Mundial. A origem da proposta neoliberal é marcada pela escrita do texto *O Caminho da Servidão*, de Hayek, em 1944. O texto se configura como um ataque ao Estado intervencionista e de bem-estar social. O grande alvo de Hayek naquele momento era o Partido Trabalhista inglês.

Em 1947, enquanto o projeto do Estado de bem-estar social se difundia pelos países do globo, Hayek chamou para uma reunião aqueles que compartilhavam com sua orientação ideológica.

Três anos depois, em 1947, enquanto as bases do Estado de bem-estar na Europa do pós-guerra efetivamente se construíam não somente na Inglaterra,

mas também em outros países, neste momento Hayek convocou aqueles que compartilhavam sua orientação ideológica para uma reunião na pequena estação de Mont Pèlerin, na Suíça. Entre os célebres participantes estavam não somente adversários firmes do Estado de bem-estar europeu, mas também inimigos férreos do New Deal norte-americano. Na seleta assistência encontravam-se Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, Salvador de Madariaga, entre outros. Aí se fundou a Sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos. Seu propósito era combater o keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases de um outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras para o futuro. (ANDERSON, 1998, p. 09 e 10)

De acordo com Perry Anderson, a reunião convocada por Hayek na estação Mont Pèlerin, na Suíça, deu origem a Sociedade de Mont Pèlerin, que se tornara uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, bastante organizada. O propósito da Sociedade Mont Pèlerin era combater o keynesianismo e o solidarismo, e formar as bases de um novo capitalismo, muito mais duro e excludente.

Mas as condições para exercer o novo projeto proposto pela Sociedade Mont Pèlerin não eram muito favoráveis. O capitalismo registrara sua fase áurea entre os anos de 1950 e 1960, justamente com o New Deal norte-americano e o Estado de bem-estar social na Europa. (ANDERSON, 1998, p. 10)

Mas a situação mudaria a partir dos anos e 1970, e o fator preponderante para o avanço do projeto neoliberal seria a crise do petróleo de 1973.

A chegada da grande crise do modelo econômico do pós-guerra, em 1973, quando todo o mundo capitalista avançado caiu numa longa e profunda recessão, combinado, pela primeira vez, baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação, mudou tudo. A partir daí as idéias neoliberais passaram a ganhar terreno. As raízes da crise, afirmavam Hayek e seus companheiros, estavam localizadas no poder executivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais. (ANDERSON, 1998, p. 10)

A crise de 1973, segundo Anderson, foi um “prato cheio” para que Hayek e seus aliados criticassem a maneira como os Estados eram geridos, além de reforçar a crítica aos sindicatos e ao movimento operário em geral. O grande problema que resultara na crise, segundo os neoliberais estava ligado aos grandes gastos sociais do Estado.

Na Europa, a primeira oportunidade de colocar o projeto neoliberal como programa de governo se deu na Inglaterra com Margaret Thatcher, em 1979. A partir de Thatcher o neoliberalismo se alastrou por todo o continente europeu e pela América do Norte.

As experiências neoliberais de países como Inglaterra e EUA podem ser consideradas marcos para a história da corrente neoliberal, e são sempre lembradas como modelos tanto de simpatizantes quanto de críticos do projeto neoliberal. Mas sem sombra de dúvida o país pioneiro da implantação do neoliberalismo foi o Chile de Pinochet.

Refiro-me, bem entendido, ao Chile sob a ditadura de Pinochet. Aquele regime tem a honra de ter sido o verdadeiro pioneiro do ciclo neoliberal da história contemporânea. O Chile de Pinochet começou seus programas de maneira dura: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, redistribuição de renda em favor dos ricos, privatização de bens públicos. Tudo isso foi começado no Chile, quase um decênio antes de Thatcher, na Inglaterra. No Chile, naturalmente, a inspiração teórica da experiência pinochetista era mais norteamericana do que austríaca. Friedman, e não Hayek, como era de se esperar nas Américas. Mas é de se notar que a experiência chilena dos anos 70 interessou muitíssimo a certos conselheiros britânicos importantes para Thatcher, e que sempre existiram excelentes relações entre os dois regimes nos anos 80. (ANDERSON, 1998, p. 19)

Para Anderson a ditadura de Pinochet foi o laboratório para a implementação do projeto neoliberal. É a partir da experiência chilena que o neoliberalismo ganha a Inglaterra e os EUA, e depois outros países.

A autora da tese *Institutos Liberais e neoliberais no Brasil da Nova República*, Denise Barbosa Gros, coloca que Henry Maksoud era um seguidor fiel das teses de Frederick August von Hayek, e o principal expoente do projeto neoliberal para o Brasil da década de 1970. E que além de publicá-las seguidamente nos editoriais de *Visão*, Maksoud ainda patrocinou a vinda de Hayek três vezes para o Brasil para dar palestras e conferências entre os anos de 1977 e 1981. (GROS, 2003, p. 75)

Ainda segundo Gros, Henry Maksoud é quem possuía as melhores considerações acerca do modelo neoliberal para o Brasil.

Entretanto o enfoque mais acabado da questão deve-se a um liberal que não faz parte dos quadros do Instituto Liberal: Henry Maksoud, engenheiro, empresário, e diretor da revista **Visão** nos anos 70, publicação especializada sobre os mundos dos negócios, que se converteu numa tribuna excepcional para o exercício da militância liberal por parte de seu diretor. A proposta de Maksoud destaca-se nitidamente como a expressão mais clara do projeto de organização jurídico-institucional do neoliberalismo (...). Os Institutos Liberais o reconhecem como um neoliberal e divulgam a sua obra, inspirada nos mesmos princípios que constituem o eixo ideológico da instituição. (GROS, 2003, p. 207)

O trecho acima nos mostra que Gros analisava o Instituto Liberal, mas o próprio instituto via em Henry Maksoud um neoliberal, e inspiravam suas teses em considerações elaboradas por Maksoud, apesar deste não fazer parte do Instituto.

Gros ainda toma emprestado de Roberto Campos algumas palavras para definir os textos produzidos por Henry Maksoud: *a proposta de Maksoud é como uma verdadeira bíblia neoliberal, algo em que acreditar e capaz de nortear a ação dos neoliberais em todas as frentes* (GROS, 2003, p. 210).

Henry Maksoud é tido como um dos intelectuais que deu o melhor enfoque ao projeto neoliberal no Brasil. E este utilizou o espaço da revista *Visão* para propagação deste ideário. Acrescentando às palavras de Gros, Maksoud não era apenas o diretor na revista nos anos 1970, mas seu proprietário, o que dava mais peso às suas considerações dentro da revista. Percebemos assim, que Maksoud agiu como um autêntico intelectual orgânico do neoliberalismo.

O mais interessante é notar que Gros atenta para o fato de que estas concepções descritas no livro são fruto de amadurecimento das reflexões de Maksoud nos editoriais de *Visão*. Para nós é importantíssimo perceber que o projeto defendido por Maksoud passou pelo amadurecimento das reflexões feitas no editoriais de *Visão*, pois assim reforça a tese de que *Visão* serviu para atender à difusão e organização do projeto neoliberal desenvolvido por Maksoud, de certa forma pioneira no Brasil.

Um ponto que merece bastante a nossa atenção é a forma com que são escritas as matérias em *Visão*, um estilo bastante direto. Segundo Francisco Fonseca o estilo de escrita da revista *Visão* pode ser definido como panfletário, um estilo militante do neoliberalismo:

A revista VISÃO atua como órgão essencialmente ideológico, com linguagem, temas e matérias totalmente voltados à doutrina e à propaganda neoliberal no limite do panfletário. Por isso, necessariamente não se pode separar os editoriais (local onde normalmente se expressam as opiniões institucionais dos órgãos de imprensa) das “reportagens” e mesmo de pequenas “notas informativas” (denominadas como “Agenda”, “Aconteceu” e “Registro”), pois a forma, o tom, o estilo e o conteúdo são rigorosamente iguais. Isso pode ser constatado, como dissemos anteriormente, pelo fato de que por longos períodos simplesmente não há editorial. Ocorre, portanto, que a opinião (neoliberal) está em toda revista, especialmente em matérias e temas fundamentais, como “política” e “economia”, sendo dispensável um espaço reservado exclusivamente ao posicionamento formal. As próprias propagandas institucionais da revista afirmam que esta caracteriza-se como “uma revista diferente de opinião”. (FONSECA, 1994, p.33)

Para Fonseca o estilo de *Visão* é panfletário, pois ela atua como um mecanismo ideológico, com matérias totalmente voltadas à doutrina de Hayek, ou seja, à doutrina e propaganda neoliberal. Segundo o dicionário Aurélio, panfleto é um escrito polêmico em estilo veemente. E é este realmente o estilo de *Visão*, ela é bastante agressiva em sua forma de escrita, principalmente quando canaliza sua agressividade para a propaganda do projeto neoliberal.

De acordo com o trecho acima, a opinião neoliberal está em toda a revista, não podendo separar o editorial das demais seções da revista. A linha de projeto a ser seguido é a mesma para toda a revista. Isto se deve muito pelo fato do editor chefe da revista ser também seu proprietário. Henry Maksoud planejou seu projeto para toda a revista e não apenas para o editorial.

Como é colocada pelas próprias propagandas institucionais da revista *Visão: uma revista diferente de opinião*. Acrescentaríamos uma palavra a esta propaganda institucional: *Uma revista diferente de opinião neoliberal*.

Por se tratar de uma revista defensora do projeto neoliberal, e com capacidades de difundir e organizar este projeto, na intenção de que estes tomem esse projeto neoliberal como sendo o seu, *Visão* é entendida por nós enquanto um autêntico partido.

Segundo Gramsci os partidos podem ser jornais, revistas, associações de bairros. Utilizando o próprio escrito de Antonio Gramsci “*são os jornais, agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos*”(GRAMSCI, 2006, V. 2, p. 218). O autor dos cárceres ainda nos dá uma definição objetiva sobre os aparelhos privados de hegemonia: “*Revistas e jornais como meio de organizar e difundir determinados tipos de cultura*” (GRAMSCI, 2006, V. 2, p. 32). Lembrando aqui que a concepção gramsciana de cultura equivale à ideologia, ideologia esta difundida a partir de um determinado aparelho privado de hegemonia.

Citando um exemplo concreto da difusão do projeto neoliberal por parte de *Visão*, num dos editoriais de Maksoud, mais especificamente um editorial em que ele discute o II PND, Maksoud defende a diminuição do papel do Estado na economia brasileira. Para Maksoud, um dos pontos centrais no II PND é a participação legada ao setor público/estatal e ao setor privado.

As “opções básicas” da estratégia econômica brasileira, tais como definidas no II Plano Nacional de Desenvolvimento, incluem, como primeiro item: “adoção de regime econômico de mercado, como forma de realizar o desenvolvimento com descentralização de decisões, mas com ação norteadora e impulsionadora do setor público”.

Esta opção envolve, portanto: 1) uma definição política sobre a forma de organização socioeconômica do país – definição que é anterior ao plano e que o condiciona; 2) uma distribuição de tarefas entre setor público e setor privado; 3) uma forma de relacionamento entre Governo e iniciativa particular.

Do ponto de vista do plano – que, simplesmente enunciado, não é mais do que uma carta de intenções –, os dois últimos pontos em que se explicita aquela “opção” revestem-se de importância crucial. Não assumindo o Governo mais do que uma função “norteadora e impulsionadora”, e ao setor privado que caberá, finalmente, a efetiva execução das tarefas materiais. (VISÃO, 07 de outubro de 1974, p. 11)

A escolha pelo trecho retirado do II PND é altamente sugestiva. Nos remete a pensar que o Estado nortearia e impulsionaria a economia brasileira, tudo com a ajuda a ajuda dos

setores privados. E é exatamente isto. E percebemos que Maksoud dá ênfase exatamente neste ponto.

Para Maksoud, o II PND funcionaria muito bem se a intervenção do Estado fosse mínima, ou melhor, apenas norteadora e impulsionadora. Para o dono de *Visão*, quem deveria executar tais tarefas seria a iniciativa privada.

E é aqui que entra o grande impasse presente em *Visão*. Ela se porta enquanto um órgão difusor do projeto neoliberal para o Brasil, e isto nós mostramos até aqui. Mas a fração de classe correspondente a sua principal empresa, a Hidroservice, é uma das principais beneficiadas pelos investimentos do Estado, sobretudo com o II PND.

Encontramos na própria revista *Visão*, do dia 23 de junho de 1975, um documento em comemoração aos vinte anos da ABDIB² – Associação Brasileira das Indústrias de Base, onde mostra quais são as aspirações desta associação para os rumos da economia do Brasil. O documento ainda traz noventa e duas empresas que compõem a associação, dentre elas estão: Atlas, Bardella, GE, Arno, Siemens, Pirelli, Companhia Siderúrgica Nacional, Santa Matilde, Hidroservice, etc.

Se analisarmos apenas as empresas que compõem o seletivo grupo acima, veremos que há uma grande variedade de segmentos, desde empresas privadas brasileiras a empresas privadas multinacionais.

Neste mesmo documento a Associação Brasileira das Indústrias de Base celebra o fortalecimento deste setor.

Desde sua criação, em 5 de maio de 1955, a ABIDB se tem empenhado para aumentar a participação da indústria nacional nos projetos de desenvolvimento, procurando barrar a importação de todos os equipamentos que possam ser fabricados no Brasil. Os resultados são animadores, pois a indústria nacional já participa com 59% de todas as obras de infra-estrutura projetadas ou em execução no país. Mas esse percentual poderia ser ainda maior, e seguramente será, com as novas perspectivas que se abrem para o setor. (VISÃO, 23 de junho de 1975, p. 60)

Este fortalecimento ocorreu muito em função dos investimentos que o Estado fez para alavancar o crescimento deste setor. E as perspectivas de um fortalecimento ainda maior deste setor surgiram com o II PND.

Neste sentido a grande questão que envolve nosso trabalho na próxima etapa é entender como Maksoud utiliza de um órgão para a difusão do projeto neoliberal no Brasil, e sua

² Na década de 1970 a Abdib ainda era conhecida como Associação Brasileira das Indústrias de Base, posteriormente ela mudaria seu nome, e hoje ela é conhecida por Associação Brasileira da Infra-estrutura e das Indústrias de Base.

fundamental empresa sustentar sua principal fonte de lucro a partir dos investimentos provindo do Estado.

Gostaríamos de ressaltar que isto não chega a ser uma contradição, ainda mais se pensarmos que na crise eclodida no ano de 2009 as grandes empresas que sustentavam a política neoliberal mundial pediram auxílio aos Estados. O que queremos é entender como ocorreu esta dinâmica no período dos anos 1970, ainda mais com o advento do II PND.

Referencial Bibliográfico

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: GENTILI, Pablo; SADER, Emir (Orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Ed. Paz e Terra. 4ª Edição. Rio de Janeiro, 1998.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **O pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. Editora Contraponto. 5ª edição. Rio de Janeiro, 2000.

CANDREVA, Luigi & MAESTRI, Mário. **Antonio Gramsci: Vida e obra de um comunista revolucionário**. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2007.

CHIAVENATO, Julio José. **O Golpe de 64 e a Ditadura Militar**. 2ª edição. Editora Moderna, São Paulo, 2004.

DIAS, Edmundo Fernandes. **Política Brasileira: o embate de projetos hegemônicos**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermam, 2006.

DREIFRUS, René Armand. **A internacional Capitalista: estratégias e táticas do empresariado transnacional (1918-1986)**. Rio de Janeiro, Espaço e tempo, 1986.

_____. **1964: a conquista do Estado: ação política e golpe de classe**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2006.

_____. **O Jogo da Direita**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1989.

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003.

FONSECA, Francisco César Pinto da. **A imprensa liberal na transição democrática (1984-1987): projeto político e estratégias de convencimento (Revista Visão e Jornal O Estado de São Paulo)**. Dissertação de Mestrado UNICAMP, 1994.

_____. **O Consenso Forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil**. São Paulo, Editora Hucitec, 2005.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere, vol. 2: **Os intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

_____ Cadernos do Cárcere, vol. 3: **Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos Liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República.** Teses FEE Nº 6. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. Porto Alegre, 2003.

HABERT, Nadine. **A Década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira.** Editora Ática, São Paulo, 2003.

HIDROSERVICE ENGENHARIA LTDA. **Quem Somos.** São Paulo, 1997. Dados coletados no site: <http://www.hidroservice.com.br/hidrofr.htm> acessado em 21 de junho de 2010.

JORGE, V. L. Visão. In: ABREU, A. A. [et al.] (Coord.). **Dicionário Histórico-bibliográfico brasileiro pós-1930.** 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 5 v.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Que Fazer? As questões palpitantes do nosso movimento.** Editora Hucitec. São Paulo, 1979.

MACIEL, David. **A argamassa da ordem: da ditadura militar à Nova República (1974-1985).** São Paulo, Xamã, 2004.

MALERBA, Jurandir & SILVA, Ana Lúcia da. **Estado Brasileiro pós- 1964: Da Democracia à Liberdade Viglada.** IN: Revista Tempos Históricos. V. 3. N. 1. EDUNIOESTE, Cascavel, 2001.

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte.** Ed. Centauro. São Paulo, 2003.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e Economia no pós-64.** IN: Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado e Políticas Públicas no Brasil: uma questão conceitual.** IN: Estado e Educação Rural no Brasil: alguns escritos. Rio de Janeiro: 2008.

NERY, João Elias. **Páginas de Cultura, Resistência e submissão: livros na revista Visão (1968-1978).** IN: Revista Em Questão, Porto Alegre, v. 13, n. 2, jul/dez 2007.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política.** Editora Ática, São Paulo, 2004.

SILVA, Carla Luciana. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002).** Editora Edunioeste. Coleção Tempos Históricos, vol. 7. Cascavel, 2009.